

A hemeroteca enquanto espaço documental, informacional e memorial

Carlos Xavier de Azevedo Netto

Doutor; Universidade Federal da Paraíba (UFPB);
xaviernetto@gmail.com

Názia Holanda Torres

Mestre; Universidade Federal da Paraíba (UFPB);
nazia.holanda@yahoo.com.br

Cláudio Augusto Alves

Mestre; Universidade Federal da Paraíba (UFPB);
claudioaugusto@gmail.com

Maria Lúcia Maranhão de Farias

Mestre; Universidade Federal da Paraíba (UFPB);
lucia.ma.fa@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta a hemeroteca e as práticas inerentes à mesma, de modo a buscar a compreensão de contextos e processos relacionáveis à construção dos fluxos informacionais elaborados a partir de tais conjuntos. Subjacente a essa proposta inicial, teve-se a intenção de destacar os etnotextos dentro de uma linguagem jornalística ancorada por ‘formações de discursos’ e ‘discursos’, por Michel Foucault. Nesse processo, o presente trabalho tem a finalidade de registrar o referencial teórico sobre o papel da hemeroteca enquanto espaço de memória, preservação e acesso ao conhecimento, na tentativa de compreender e reconstituir a maneira pela qual o espaço informacional se configurou no passado. A pesquisa possibilitou verificar a importância dos acervos das hemerotecas como fonte de pesquisa e sua constituição como lugar de memória.

Palavras-chave: Hemeroteca. Documentação. Informação. Memória.
Conhecimento.

1 Introdução

No processo de construção do saber existem conceitos-chave que, por força de sua natureza temática e do acúmulo de discussões a seu respeito, se impuseram à comunidade intelectual, independente de consensos, tais como: sociedade, cultura, informação, memória.

Outros conceitos, por sua vez, têm uma menor discussão no âmbito de determinados ambientes acadêmicos, uma vez que são apresentados e aplicados com certa frequência, mas, muitas vezes escondem o aparato aprofundado de discussão em relação as suas aplicações, implicações e limites. Nesse caso, destacamos o conceito de hemeroteca no âmbito da Ciência da Informação.

Quando se pensa na Ciência da Informação, várias temáticas estão relacionadas com o objeto de estudo da área. O próprio termo “informação” desencadeia um resultado de configurações históricas que propicia a abertura e a construção de um novo campo de conhecimento acerca do território circunstancial de um produto informacional de determinada época social. Dessa forma, pode se estabelecer ao conceito de hemeroteca um processo de interligação entre três importantes constructos da nossa discussão: documentação, informação e memória. Em qualquer das possibilidades de aproximação entre hemeroteca-documentação, hemeroteca-informação e hemeroteca-memória, existirá um processo de recuperação da informação refletido a partir de um produto cultural de épocas históricas que foram resgatadas na tentativa de compreender e reconstituir a maneira pela qual o espaço informacional se configurou no tempo passado.

Para tanto, este trabalho tem como principal premissa a visão funcional do conceito de hemeroteca, que nos possibilita transitar nos horizontes informacionais das coleções temáticas de recortes de jornais e revistas presentes nas diferentes instituições que lidam com a informação como elemento transformador, inovador e modernizador das sociedades.

Assim, pretendemos empreender a partir da (e na) Ciência da Informação estudos e contribuições acerca de determinados temas que permitem compreender a realidade material de um contexto histórico, social e cultural, envolvendo um conjunto de documentos que são subjacentes à informação e à memória.

2 Hemeroteca como conjuntos documentais

Compreender a formação das sociedades e ao mesmo tempo decifrar a cultura na qual essa realidade está inserida dependerá não somente do conhecimento de tal

realidade, mas de fatos ocorridos ao longo da história que possibilitam atuar e intervir de forma crítica. O homem, ao longo de sua história, criou instituições e suportes que possibilitam o acesso à informação por meio de algum suporte material que armazene a veracidade de relatos fidedignos de uma determinada época histórica.

Nesses aparatos, os documentos passam a ser tecnologias que propiciam o armazenamento das informações, uma vez que a memória humana não consegue guardar todas as informações precisas, fazendo com que essas permitam mediar o conhecimento adquirido, superando as fragilidades da memória e transferindo conhecimento que vai além do espaço e tempo do emissor. As informações contidas nos documentos são advindas do conhecimento dos fatos sociais e históricos da humanidade.

Briet (1951, p. 7, tradução nossa) traz o conceito de documento como “[...] todo signo indicial (*ou índice*) concreto ou simbólico, preservado ou registrado para fins de representação, de reconstituição ou de prova de um fenômeno físico ou intelectual”. A definição, aqui posta, se limita a toda base de conhecimento, fixada materialmente para ser suscetível de consulta às sociedades.

Marcondes (2010) introduz o pensamento de que as sociedades cada vez mais complexas puderam se articular, cooperar e garantir a preservação da cultura e do conhecimento duramente adquirido pelas gerações anteriores, mediados por documentos. Com este fim, despertou o surgimento de bibliotecas especializadas na intenção de buscar meios de selecionar, adquirir e avaliar seu material informacional para a constituição de um acervo que melhor atendesse ao seu usuário em específico. Para esse tipo de biblioteca, Miranda (2007) reconhece a importância das publicações periódicas e dos mais diversos materiais especiais que, assim, passaram a constituir a genética formadora das hemerotecas.

O termo hemeroteca origina-se do grego *heméra* que significa “dia”, e *théke* que significa “depósito” ou “caixa” (BUONOCORE, 1976, p. 243). Neste estudo, define-se hemeroteca como um acervo composto de *clipping* de jornais e revistas de uma determinada temática, que de acordo com Buse (2008) proporciona a recuperação futura do que foi publicado no passado. Nessa intenção, por exemplo,

“[...] o jornal na hemeroteca constitui-se numa fonte de pesquisa que resgata os dizeres que já circularam em uma determinada época e os aproxima do presente”. (LAMPOGLIA, 2012, p. 125). Portanto, jornais e revistas constituem os documentos do acervo das hemerotecas.

Partindo desse pressuposto, as hemerotecas são constituídas por informações que se materializam em documentos, podendo estes ser definidos como artefatos sócio-técnicos que possibilitam os registros e transferência de mensagens, produzidos a partir da intencionalidade de seu produtor em um registro que perpassa o tempo e o espaço. A função do documento é registrar a ocorrência dos fatos a partir do contexto social em que eles acontecem; uma vez que o documento se produz, a partir de certas condições e estruturas sociais que, tanto a relação entre produção/produtor e uso/usuário é dependente de um determinado contexto em que a informação é transferida, refletindo-o por meio desse processo. Então, as informações que estão contidas nos documentos armazenados das hemerotecas são vistos como objetos culturais, cujas informações remetem a um determinado contexto social gerado no tempo e espaço da história (BORGES; SANZ CASADO, 2009).

De forma geral, os documentos que compõem uma hemeroteca são uma fonte de pesquisa, pois conforme evidenciamos,

[...] o jornal é também uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento essencial para o pesquisador, pois como apresenta uma análise direta do conteúdo, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. (FARIA, 2003, p. 11).

Como base em documentação linguística e informativa, destacamos, também, os etnotextos que, conforme Bouvier (1998?, p. 76) “[...] são uma fonte de informação insubstituível para definir os contextos culturais nos quais inscreve-se o falar local [...]”. Ou seja, são ancorados em uma temática, silenciando fatos em detrimentos de outros, de acordo com os interesses definidos na formação do acervo e o objetivo da unidade de informação, com fins de melhor atender às necessidades informacionais de seus usuários.

Dentro desse contexto, torna-se importante refletir sobre os discursos que são apresentados pelos jornais; isso pelo fato deles exprimirem intenções, cujos “ditos” realizados passam a constituir a memória, a história dos fatos ocorridos numa determinada época que se encontram disponíveis na hemeroteca para a consulta dos pesquisadores.

De acordo com Frazão (2010), a matéria jornalística diária é ancorada em fatos novos, embora o fato já seja em parte do conhecimento do leitor, existindo um reforço como estímulo à lembrança/memória para informar algo de inédito/excepcional ligado ao assunto. Esse recurso de estímulo à memória é no propósito da reconstituição do fato em parte conhecido, indispensável para o relato do acontecimento, local e da personagem que têm relevância e ligação com o fato anterior. Para a autora,

O discurso jornalístico solidifica-se com o reconhecimento da relação da produção da linguagem com a produção social, o que coloca a notícia no interior de uma complexa rede produtiva. Essas condições sociais de elaboração discursiva marcam especificamente as relações do jornalista com representantes dos outros campos [...]. (FRAZÃO, 2010, p. 154).

A autora acredita, “[...] que através dos seus textos, o jornalista hierarquiza a cidadania, reflete percepções da realidade, registra vivências, ideologias e fatos, o que permite a classificação dessa produção como etnotextos”. Corroborando com esse pensamento se tem os estudos da Escola de Chicago, que defende a ampliação do campo de pesquisa, entre os quais está a valorização de documentos escritos, cartas pessoais, autobiografias, iconografia, literatura e jornais como registro de época, consubstanciando-se em fonte de conhecimento científico (FRAZÃO, 2010, p. 91).

Sendo assim, o discurso jornalístico indiscutivelmente se dá pela relação da produção da linguagem com a produção social em que a notícia se centra nessa complexa rede produtiva, viabilizado pela produção do discurso dos profissionais de imprensa e dos representantes de outros campos de poder.

Através do texto jornalístico reflete-se uma memória que está armazenada em documento nas hemerotecas, sendo representativa da vida histórica,

socioeconômica de um povo. Nessa linha de pensamento, entende-se que os textos jornalísticos são “formações discursivas” e “discurso” que, para Foucault, permitem conjecturar sobre a composição do que numa dada época representa um campo de saber possível nos quais é possível amparar-se como sendo verdadeiros (FOUCAULT, 1999).

Reforçando sobre a verdade discursiva, Vandrensen (2009) embasa sua proposição ao dizer que não se faz a historicização de um discurso sem considerar as relações de poder na sociedade na qual ele funciona, pois na sua essência estão presentes as forças, as lutas e desejos que movem os grupos sociais.

Portanto, uma hemeroteca é uma das possibilidades de que os centros de informações podem dispor com o intuito de atender as necessidades informacionais dos usuários, tendo em vista que esta é o indicador primeiro na formação, desenvolvimento e organização do acervo de qualquer unidade informacional. É nesse intuito que as hemerotecas abrigam documentos como os etnotextos jornalísticos recheados de formação de discursos, que se constituem em base de pesquisas e memória informacional passível de produção dos sentidos que fundamentam um novo dizer.

3 Hemeroteca enquanto fonte informacional

Fundir a hemeroteca à informação é permiti-la fazer um percurso de tarefas e um esforço inicial de recuperação da informação acerca de recortes de um historicismo passado que se converteram em registros, na qualidade de documentos, para assim melhor expressar uma realidade material vivida em sociedade. Partindo desse tipo de prática, a hemeroteca passa a se situar no espaço informacional conferindo-lhe dimensões orgânicas, formais e sociais que evidenciam o seu lugar como objeto de cultura, fonte de informação e de memória no mundo contemporâneo, quer sob a forma de cultura material, quer sob a forma de coleções.

A hemeroteca compreende a reunião de artefatos a partir da complexidade inerente à atividade de coleta, bem como ao seu caráter seletivo de informação. Esse processo de seleção está no cerne das práticas de coleta (LOUREIRO et al., 2010),

feitas a partir de recortes de jornais e revistas sobre assuntos relevantes da época que passarão a servir como fonte de informação às redes institucionais e ao próprio usuário da informação.

Dada a abrangência desse campo informativo, a informação passa a ser vista como um artefato cultural, pois

[...] ela foi criada num tempo, espaço e forma específicos, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto da sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada num contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzido, sendo, portanto passível de recontextualização. (PACHECO, 1995, p. 21).

A informação, por ser considerado um artefato, já se faz presente no momento em que se dá início ao processo de constituição genética da hemeroteca, sendo esta auxiliada pelo processo de coleta e seleção de matérias informativas, identificadas a partir de uma gama de classificações e categorizações que ajuda a fazer da hemeroteca um verdadeiro espaço informacional.

Logo, a informação sob um viés científico, passa a ser objeto da ciência da informação e, como artefato cultural, passa a ser objeto confeccionado pelo homem (PACHECO, 1995). Para tanto, a informação ao mesmo tempo materializa-se como um elemento constitutivo do processo hemerotecário, resultando numa informação documental, que é registrada em um tipo particular de suporte e que se converte em cultura material, vinculada à história e ao mundo. Segundo Zeman (1970, p. 157),

A informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar (o que constitui, igualmente, sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com o espaço, o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria - é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores. Não é um princípio que existiria fora da matéria e independentemente dela (como são, por exemplo, o princípio idealista da entidade ou o termo da 'entelequia') e sim inerente a ela, inseparável dela.

Barreto (1994, p. 3) já havia destacado o papel mediador da informação no que concerne ao ser pensada enquanto forma e substância, qualificando-a como “estruturas significantes” com capacidade de produzir conhecimento que se reverte

para a própria sociedade. Ao associar a hemeroteca à informação passamos a nos referir à forma e à substância, respectivamente, como expressão e conteúdo (DUBOIS et al., 2004, p. 568) no que diz respeito à particularidade documental das hemerotecas.

Nessa configuração, perfaz-se o caminho de geração do conhecimento como uma informação produzida (DRETSKE, 1981), onde o aspecto chave desse processo está na ação humana de comunicar (novo) conhecimento para alguém, a partir de uma informação que foi adquirida. Nesses termos, as hemerotecas transitam como um balcão de informação que, a partir do seu uso gerará um conhecimento de determinadas técnicas, um conhecimento cognitivo, um conhecimento de estado de espírito, um conhecimento inovador, um conhecimento criativo e competitivo que caracteriza troca de conhecimento sobre o mundo.

A priori, o conhecimento concebido ingenuamente em relação a um determinado objeto, quando amadurecido, torna-se simplesmente uma realidade já por si existente, onde se faz um agrupamento crítico do que se foi extraído das coisas perceptíveis, combinadas numa sistemática e numa harmonia (CASSIRER, 1986). Desse modo, todo conhecimento colocado à prova de análise, dentro de uma situação histórica, vai desencadear a geração de um novo conhecimento, oriundo de uma visão crítica do mesmo. Por sua própria natureza, o conhecimento deve de alguma forma ou de outra depender da informação, isso porque os dois termos são frequentemente intercambiáveis (MCGARRY, 1999).

Nessa relação, pode-se dizer que as hemerotecas estão inseridas em um espaço informacional que ajuda a tangenciar a prática de conhecimento; isso pelo fato de se comportarem como bases de pesquisas, pilares teóricos das condições sócio-históricas e fontes informativas.

O papel das hemerotecas está na viabilização da socialização dos acontecimentos passados, o que possibilita fazer reflexões sobre a história, compondo assim, uma memória informacional possível de produção dos sentidos que se fundamenta em um novo dizer.

4 A hemeroteca como fonte de memória

As hemerotecas, que abrigam documentos oriundos de clipping de jornais/revistas, se configuram como base de pesquisas e pilares teóricos das condições sócio-históricas, compondo uma memória informacional possível de produção dos sentidos que fundamenta um novo dizer. Dessa forma, verifica-se a importância da hemeroteca como fonte de memória para a sociedade, uma vez tornando necessário refletir sobre o conceito de memória.

A memória, segundo Le Goff (2003, p. 419), “[...] que tem como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Nessas condições, Oliveira e Rodrigues (2008, p. 2) reforçam o conceito dizendo que “[...] memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-las às novas gerações através de diferentes registros (sonoros, imagéticos, textuais, etc.), graças a um conjunto de funções psíquicas”.

A partir do exposto, verifica-se que as hemerotecas constituem-se em espaço de memória por agregar informações de uma determinada época por meio dos suportes como jornais/revistas, possibilitando que essas informações possam ser utilizadas pelos usuários.

A memória faz parte de um processo social em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas como seres que interagem uns com os outros ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas (SANTOS, 2003). Assim, as informações contidas nas hemerotecas são resultantes de fatos ocorridos numa determinada época, num período específico, refletindo os aspectos políticos, econômicos e sociais desse período, ficando preservados com a finalidade de permitir a sua acessibilidade nas hemerotecas.

Com efeito, a hemeroteca enquanto fonte de memória permite que os pesquisadores se apropriem dessas informações, possibilitando conhecer e entender o presente e a partir daí construir o futuro. Ressalte-se que a memória deve ser compreendida como um fenômeno que faz parte de uma coletividade, uma vez que a memória individual é parte da memória social ou coletiva, do grupo em que

determinado indivíduo está inserido. A memória coletiva se torna viável pelos processos de transferência da informação por meio dos artefatos que são monumentos/documentos que servem como instrumentos de representação das identidades culturais. Em *Ciência da Informação*,

Memória aproxima-se mais ao conotativo de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana. A memória produzida ontem tem para a CI o mesmo valor como objeto de estudo que registros centenários, eleitos como representativos de interesse histórico patrimonial. Não cabe a CI a reconstituição do passado histórico memorial, antes se busca entender a natureza dos registros e fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação. (LIMA; MIRANDA; VILDEANE, 2011, p. 3334).

Nesse sentido, verifica-se a importância das hemerotecas como lugar de memória, como espaço de constituição memorialístico de fatos ocorridos em épocas históricas. Nora (1984), ao abordar sobre os lugares de memória, diz que são constituídos por arquivos, bibliotecas e museus e que são construídos socialmente, passando a ser considerados como chaves da memória coletiva dos grupos, legitimando-se assim, como lugares para a preservação da memória nacional. A hemeroteca constitui-se num importante lugar de preservação da informação no espaço e no tempo e

Está ligada à organização, está ligada também à conservação e transmissão desta organização. A conservação da informação é feita de forma econômica [...] um evento ou um objeto de grande amplitude no espaço ou no tempo são registrados com redução considerável, em forma condensada ou mesmo simbólica. É neste princípio que se baseia todo inventário, lista, catálogo, registro de memória no cérebro, registro na matéria hereditária, etc. A informação é conservada com o máximo de condensação sob forma, por assim dizer, de sua 'essência' e pode ter, ao ser utilizada, um efeito de reforço. (ZEMAN, 1970, p. 159).

Com isso, a informação contida nos documentos das hemerotecas refere-se àquelas produzidas numa determinada época, refletindo tal período. Estas informações são armazenadas em um caráter memorialístico de recortes históricos. Seu acesso faz percorrer uma viagem de fatos verídicos da história das nações.

5 Conclusões

Dentro de um contexto político, social e econômico, a informação configura-se como insumo de valor para o desenvolvimento da sociedade. Ressalte-se que esse desenvolvimento perfaz o alvorecer da ciência, tornando a informação elemento fundamental nessa construção. É nesse contexto, que as instituições como bibliotecas e hemerotecas foram criadas para cumprirem o seu papel de guardiãs da memória histórica das nações, bem como para atuarem como espaços que possibilitam a busca do saber e da informação materializada em documentos necessários a apreensão do conhecimento.

As hemerotecas constituem-se em lugar de preservação da informação. Estes espaços auxiliam o pesquisador na busca de informações específicas e o cidadão comum na busca de informações que contribuam para o resgate da história.

Nesse sentido, a hemeroteca comporta-se como espaço cultural e informacional, na intenção de auxiliar seus usuários a buscar informações relevantes para a sua formação sócio- histórica, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sociedade.

A informação resgatada por meio do acervo documental nas hemerotecas é considerada fonte geradora de conhecimento, possibilitando a absorção da memória realizada pelos usuários. O conhecimento adquirido por estes o modifica, refletindo nas suas ações perante a sociedade, nos setores em que atua, possibilitando mudança social, ideológica, política e cultural.

A partir do exposto, verifica-se que as relações entre informação, conhecimento e memória são o tripé necessário que contribui para o resgate da história e da mudança social.

Referências

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.8, n. 4. p. 3-8, 1994.

BORGES, Maria Manuel; SANZ CASADO, Elias (Coord.). **A ciência da informação criadora de conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Édit, 1951. Disponível em: <<http://martinetl.free.fr/suzannebriet>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

BOUVIER, Jean Claude. La mémoire partagée - Lus-la-Croix-Haute (Drôme). **Le Monde Alpin et Rhodanien**, Grenoble, n. 3-4, p. 322, 1998?.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de Bibliotecologia**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Marymar, 1976.

BUSE, Juliana. Hemeroteca sobre saques e invasões: do impresso ao digital. In: JORNADA SOBRE LA BIBLIOTECA DIGITAL UNIVERSITÁRIA, 6., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: JBDU, 2008. Disponível em: <<http://www.amicus.udesa.edu.ar/documentos/6jornada/documentos/pdf/PONENCIA%20JULIANA.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento em la filosofia y em la ciência modernas**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1986.

DRETSKE, Fred I. **Knowledge and the flow of information**. Cambridge: Mamit, 1981.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2004.

FARIA, Maria Alice. Por que o jornal na escola? In: _____. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRAZÃO, Theresa Christina Jardim. **O morador de rua e a invisibilidade do sujeito no discurso jornalístico**. 2010. 274 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LAMPOGLIA, Francis. **Discursividades da/sobre a ditadura militar em uma hemeroteca digital**. São Carlos: UFSCar, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Marcos Galindo; MIRANDA, Majory Oliveira; VILDEANE, Borba da Rocha. A memória e os sistemas memoriais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: ANCIB, 2011. p. 3328-3339.

LOUREIRO, José Mauro Matheus et al. Coleção etnográfica, discurso e formação discursiva: uma abordagem interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.

MARCONDES, Carlos Henrique. Linguagem e documento: fundamentos evolutivos e culturais da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.2, maio./ago. 2010. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/issue/view/85>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação:** uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.17, n.1, p.87-94, jan./abr. 2007.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. São Paulo: PUC, 1984.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP/ANCIB, 2008.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./jun. 1995.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social.** São Paulo: Annablume, 2003.

VANDRENSSEN, Daniel Salésio. **O discurso como instrumento de saber-poder na filosofia de Michel Foucault.** 2009. Disponível em: <http://aufklarungsofia.files.wordpress.com/2009/09/discurso_foucault.pdf>. Acesso em: 07 jul. de 2012.

ZEMAN, Jíri. O significado filosófico da noção de informação. In: KÜHNER, Maria Helena (Org.). **O conceito de informação na ciência contemporânea:** colóquios filosóficos internacionais de Royaumont. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970, p. 154-179.

Periodicals rooms as a space for documentation, information and memory

Abstract: This paper presents the periodicals room and its usual activities and tries to understand contexts and processes involved in the building of information flows elaborated from such settings. Underlying this initial proposal, we intended to highlight the ethnotexts in a journalistic language anchored by ‘discourse formations’ and ‘discourses’, by Michel Foucault. In this process, the study aims at registering the theoretical basis on the role of periodicals rooms as a space for memory, preservation and access to knowledge, attempting to understand and evoke the way through which the information space was constituted in the past. Through the research, we were able to verify the importance of the collections of in periodicals rooms as a research source and of the latter as a place of memory.

Keywords: Periodicals Room. Documentation. Information. Memory. Knowledge.

Recebido: 29/04/2013

Aceito: 06/06/2014